



PESQUISA

MEMORY THROUGH THE CLICK: THE FIRST GRADUATE CEREMONY OF SÃO PAULO HOSPITAL NURSING SCHOOL

MEMÓRIA ATRAVÉS DO CLIQUE: A PRIMEIRA FORMATURA DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS DO HOSPITAL SÃO PAULO

MEMORIA A TRAVÉS DEL CLIC: LA PRIMERA CEREMONIA DE GRADUACIÓN DE LA ESCUELA DE ENFERMERÍA DEL HOSPITAL SÃO PAULO

Carolina Vieira Cagnacci¹, Maria Cristina Sanna²

ABSTRACT

Objective: Historical and documental nature study which objective is to identify, to describe and to analyze the meaning of the first graduate ceremony of São Paulo Hospital Nursing School - its rituals, emblem and symbols - through a photography. **Method:** It has been used the analysis of photographic text. The primary source has been composed by the referred image and some complementary information which has been acquired in assembly minutes and administrative documents. **Results:** The findings have indicated a strict hierarchy - demonstrated by people's positioning on different photographic plains - which involved the directly engaged-on-course individuals as well as Catholic Church clergymen and Education members that were present on the ceremony. Since then, the photography at institution's staircase became a traditional behavior for its forming students. **Conclusions:** We have concluded that the referred graduate ceremony was a synthesizing moment and has been revealing on many aspects, allowing the identification of authorities and other personalities that have done the institution's history. **Descriptors:** History of nursing, Ceremonial behavior, Schools nursing.

RESUMO

Objetivo: Estudo de natureza histórico-documental que objetivou identificar, descrever e analisar o significado da formatura da primeira turma de enfermeiras da Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo - seus rituais, emblemas e símbolos - através de uma fotografia. **Método:** Utilizou-se a análise do texto fotográfico. A fonte primária é composta pela referida imagem e por informações complementares obtidas em livros-atas de reuniões e em documentos administrativos. **Resultados:** Os achados indicaram que havia uma hierarquia rígida - demonstrada pelo posicionamento das pessoas nos diversos planos fotográficos - que envolvia tanto indivíduos diretamente ligados ao curso quanto da Igreja Católica e representantes de órgãos da Educação presentes na solenidade. Desde então, a fotografia na escadaria da instituição se tornou um ritual para os formandos dessa escola. **Conclusão:** Concluiu-se que a formatura foi um momento de síntese e revelador em diversos aspectos, permitindo assim identificar autoridades e outras personalidades que fizeram parte da história da instituição. **Descritores:** História da enfermagem, Comportamento ritualístico, Escolas de enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Estudio de naturaleza histórico-documental que objetivó identificar, describir y analizar el significado de la ceremonia de graduación de la primera clase de enfermería de la Escuela de Enfermería del Hospital São Paulo - sus rituales, emblemas y símbolos - a través de una foto. **Método:** Se utilizó el análisis del texto fotográfico. La fuente principal está compuesta por la referida imagen y por informaciones complementares obtenidas en libros de actas de reuniones y en documentos administrativos. **Resultados:** Los resultados indicaron que había una jerarquía rígida - demostrado por el posicionamiento de las personas en los diversos planes fotográficos - donde participaron individuos directamente relacionados con el curso, con la Iglesia Católica y representantes de organismos de Educación presentes en la ceremonia. Desde entonces, la foto en la escalinata de la institución se ha convertido en un ritual para los graduandos de esta escuela. **Conclusión:** Se concluyó que la referida ceremonia fue el momento de síntesis y revelador en muchos sentidos, permitiendo identificar a las autoridades y otras personalidades que fueron parte de la historia de la institución. **Descriptorios:** Historia de la enfermería, Conducta ceremonial, Escuelas de enfermería.

¹ Enfermeira. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração de Serviços de Saúde e Gerenciamento de Enfermagem/GEPAG/UNIFESP. E-mail: carol@yahoo.com.br. ² Doutora em Enfermagem. Pesquisadora Independente. Orientadora Credenciada/UNIFESP. E-mail: mcsanna@uol.com.br. Trabalho desenvolvido na disciplina de História da Administração dos Serviços de Enfermagem do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Escola de Enfermagem/UNIFESP.

INTRODUÇÃO

A idealização do Curso de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP) aconteceu após o princípio da construção do HSP em 1936 e sua criação deu-se em 1939. A Escola Paulista de Medicina (EPM) já oferecia o curso de Enfermeiras Obstetizes, associado à Clínica Obstétrica, que objetivava a realização da assistência à parturiente pelas novas profissionais com a duração de dois anos. Ainda no mesmo ano, o curso de Auxiliares Técnicos de Laboratório foi criado com o intuito de subsidiar o funcionamento do hospital, de seu laboratório e da Escola¹.

Na época, epidemias e doenças endêmicas já não eram protagonistas no cenário da Saúde Pública em São Paulo. Sendo assim, estratégias preventivas deixaram de ter papel central nos programas de governo para a saúde, os quais passaram a transferir esforços a construção, manutenção e aparelhagem das instituições hospitalares².

A construção do Hospital São Paulo derivou da necessidade da EPM em possuir campo de estágio para suas práticas educativas e assistenciais, podendo contar com um grande hospital que atendesse à população e empregasse professores e alunos daquela instituição. Os subsídios encontrados para a realização do projeto derivaram-se do auxílio do governo federal, e o início das obras aconteceu no segundo semestre de 1936, a partir de empréstimos da Caixa Econômica Federal de São Paulo (CEFSP) à EPM².

É interessante notar que os auxílios municipais e estaduais recebidos pela EPM foram poucos frente aos empréstimos da CEFSP do governo federal à Escola, o que faz perceber o desinteresse do governo estadual em apoiar a criação e instalação de uma instituição autônoma, que competisse com a Faculdade de Medicina da

USP (FMUSP), que funcionava desde 1934. (2) A EEHSP enfrentou situação bastante similar em sua criação, pois já havia esforços estaduais para a construção de um novo curso de enfermeiras em São Paulo vinculado à FMUSP.

Os discursos inaugurais de criação do HSP tiveram como mote a “causa paulista” defendida na Revolução de 1932, no discurso do poeta modernista Guilherme de Almeida e Octávio de Carvalho, diretor da EPM. Leitão da Cunha, então diretor da Universidade do Brasil, ressaltou o papel da educação como fator de integração nacional. Tais discursos reforçaram a deliberação de unir o HSP à EPM e estes à imagem de crescimento de São Paulo, como instituições que referendassem o progresso futuro de São Paulo quanto à saúde e à educação².

A discussão em favor da criação de novos cursos aconteceu concomitantemente à concepção do grande hospital de clínicas da EPM (futuro HSP). Tal assunto foi referido por Octavio de Carvalho durante a cerimônia de inauguração da sede da EPM, em outubro de 1936, e do início da edificação do HSP, “indicando-se a importância de serem pensados cursos destinados ao público feminino e a profissionalização para os serviços hospitalares”^{2: 162}. Em 1937, o mesmo médico fez alusão às futuras profissionais enfermeiras que lá trabalhariam nas unidades posteriormente instaladas como “sendo essa mais uma oportunidade de entrada da mulher paulistana no mercado de trabalho”^{2: 161}.

Oficialmente, a primeira notícia que e tem respeito da criação da nova Escola de Enfermagem data de 10 de setembro de 1937, em carta dirigida ao Professor Dr. Raul Leitão da Cunha, diretor da Universidade do Brasil, pelo então diretor da EPM Professor Dr. Octavio de Carvalho. Na carta, Octávio de Carvalho solicitou instruções sobre a

licença de formulação de uma Escola de Enfermagem vinculada à EPM¹.

Devido às dificuldades que os dirigentes da Escola Paulista de Medicina encontraram para a criação de um curso de enfermagem no Estado de São Paulo, frente à intenção inicial do governo estadual em criar um curso, na Faculdade de Medicina de São Paulo, foi necessário que os dirigentes da EPM fizessem novas alianças. Assim, para realização do curso de enfermagem pela EPM foi condição *sine qua non* o vínculo com poderes que não o do governo estadual. Dessa forma, dirigentes da EPM se aliaram à Igreja Católica, que detinha muito poder em relação à educação e já possuía grande experiência com a enfermagem, e ao governo federal para a criação do novo curso da EPM. Prova disso foi a contratação do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria pelo arcebispo paulistano D. José Gaspar de Affonseca. Essa congregação já possuía oito escolas de enfermagem pelo mundo, entre elas, a Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Tóquio¹.

Depois de dois anos de esforços, a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (EEHSP) foi instituída no dia 12 de fevereiro de 1939, por membros/diretores da Escola Paulista de Medicina, Madre Maria Domineuc, enfermeira formada pela Escola de Enfermagem de Paris, a quem foi confiada a direção da nova escola, e por Madre Maria de Saint Herme, representando o Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria. Em 1º de março de 1939, as atividades da escola foram iniciadas, e, em 24 de março de 1942, a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo foi reconhecida oficialmente pelo governo federal pelo Decreto 9.101/42¹.

O novo curso de enfermagem EEHSP iniciado pela EPM mostrou, desde sua criação, qualidade e destaque na cidade de São Paulo. O curso deveria formar enfermeiras nos moldes/padrão da Escola de Enfermagem Anna Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2010. jan/mar. 2(1):603-613

Nery (EEAN), antiga Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde (EEDNS)³.

A EEAN foi desenvolvida a partir do modelo anglo-americano e teve sua criação como ação integrante da Reforma Sanitária de Carlos Chagas, sendo ela uma das suas principais realizações. Seu modelo tornou-se, por força do Decreto 20109/31, referência para a organização de outras escolas de formação de enfermeiras⁴.

A década de 1930 demandava um padrão de enfermagem mais moderno, especializado e centrado no indivíduo, para atender o modelo hospitalocêntrico que se iniciava e seguiria adiante. Segundo Ferraz, 1989:

No período de 1930 a 1950, nota-se uma tendência para a atenção médica individualizada, bem como, para o aumento e a modernização da assistência hospitalar, o que gerou uma necessidade de pessoal de enfermagem qualificado. Considerando essa necessidade, houve um aumento do número de cursos de enfermagem no país, principalmente daqueles ligados a hospitais^{5:32}.

De fato, a nova Constituição de Getúlio Vargas, de 1937, atendeu ao ideário político e corporativo do estado e visou o desenvolvimento econômico e industrial do país, o que demandava a recuperação dos corpos dos operários. Também ao término da Segunda Grande Guerra Mundial, mulheres saíram mais de suas casas para receber por seus trabalhos, ganhando assim maior emancipação financeira. Nessa conjuntura, o ser profissional enfermeira ganhou visibilidade junto ao aumento da rede hospitalar no Brasil, exatamente quando se formou a primeira turma de enfermeiras da EEHSP.

Posar para uma fotografia de formatura nas escadarias em frente ao Anfiteatro Leitão da Cunha e Museu de História da UNIFESP, na Rua Botucatu, n° 74 é um ritual praticado até hoje pelos que se formam na denominada Universidade

Federal de São Paulo (UNIFESP), que abriga a escola de enfermagem em foco. Procurando por documentos relativos à primeira turma de enfermeiras formadas pela EEHSP, encontrou-se uma dessas fotografias, o que levou a indagar, qual o significado que teria tido, na ocasião, a formatura dessas enfermeiras. Assim, foi eleita a fotografia da primeira turma de enfermeiras citada como objeto do presente estudo, cujos objetivos foram identificar, descrever e analisar o significado da formatura da primeira turma de enfermeiras da Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo - seus rituais, emblemas e símbolos - através de uma fotografia.

METODOLOGIA

Estudo de natureza histórico documental, realizado a partir da interpretação do texto fotográfico.

Suas fontes primárias se constituíram no documento iconográfico (fotografia da primeira turma de enfermeiras da EEHSP) pertencente ao acervo do Museu do Centro de História e Filosofia (CeHiF) das Ciências da Saúde da UNIFESP complementada por livros-atas de reuniões e documentos administrativos. As fontes secundárias correspondem à bibliografia referenciada.

O acervo do Museu do CeHiF possui muito material sobre a criação e história da Escola Paulista de Medicina (EPM), o que incluiria também a criação da EEHSP; no entanto, pouco lá há que se refira à criação desta. Após a escolha da fotografia para a realização do estudo, por solicitação da pesquisadora principal, a historiadora responsável pelo acervo a escaneou e formatou o arquivo eletrônico da imagem, em com resolução de 96 DPI, armazenado pela pesquisadora prontamente.

A fotografia estudada é em preto e branco e encontra-se em estado de boa conservação, no acervo do museu, arquivada na pasta 15, foto número 16 de uma coleção não seriada, contendo apenas uma data no verso: 1942 - 1º Turma formandos Enfermagem. Está protegida por folhas transparentes especiais, mas, mesmo com esse bom aspecto, apresenta sinais de envelhecimento. A tecnologia empregada para sua reprodução pôde fazer com que seu estudo não prejudicasse a fotografia original e ainda armazenasse-a em arquivo eletrônico, que pode sofrer tratamentos diversos em benefício de sua legibilidade e, se bem conservado pode ultrapassar a duração física do exemplar original.

A Pró-Reitoria de Graduação é o local onde, até hoje, se guardam documentos sobre a vida acadêmica dos estudantes que passaram pela Universidade Federal de São Paulo, nos primórdios EPM e EEHSP. Lá foram encontrados o Livro de Inspeção Federal da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, atas de reuniões e registros de matrículas e de diplomas das enfermeiras que se formaram no período de 1939-1942, empregados para aprofundamento do estudo.

A análise da fotografia foi realizada como proposto nos estudos Leite (1993), cujo método se inicia com o estudo do contexto no qual a imagem foi produzida, seu tamanho, tipo, data, local e forma de conservação. A segunda etapa se refere à análise interna da fotografia, quando se procura as intenções da obtenção da imagem e se completa com a análise da construção de séries de fotografias, recurso não utilizado no presente trabalho por se tratar de fotografia isolada⁶.

As demais fontes primárias foram empregadas para esclarecimento sobre os achados na fotografia, que ainda foi submetida à apreciação de Madre Áurea Vieira da Cruz, religiosa que conviveu com parte das retratadas e

auxiliou na identificação das pessoas que nela estão retratadas.

Para identificar pessoas que não eram da instituição empregou-se ainda a comparação com as fotografias constantes das obras de Carvalho (1976) e Oguisso; Dutra; Campos (2009)^{7 e 8}.

Os achados encontrados então descritos e comentados à luz da literatura científica encontrada a respeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Ilustração1- Fotografia da primeira turma de enfermeiras da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo, setembro de 1942. Acervo do Museu do Centro de História e Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.

A fotografia é do tipo posado sendo arranjada para privilegiar as autoridades mais importantes em primeiro plano e as formandas em segundo plano. Essas cinco se encontram com um papel enrolado nas mãos, identificado como sendo seus diplomas ou representação desses, e estão posicionadas lateralmente e pouco atrás das principais autoridades que se encontram centralizadas no principal plano da fotografia. As pessoas fotografadas estão todas voltadas com o olhar para quem tirou a fotografia, com feições sérias, constrictas e não sorriem, talvez por se

tratar de um momento solene que ficaria para a posterioridade, comportamento usual da época.

O reconhecimento das autoridades foi possível através de suas vestes e pela comparação com outras fotografias que identificavam tais pessoas. Os homens são, respectivamente, da esquerda para direita no primeiro plano, o bispo Monsenhor Alberto, identificado por sua batina simples, comparada à de dom Gaspar, que também está em lugar central, entre os homens, junto ao Prof. Dr. Leitão da Cunha, a figura de maior destaque na fotografia. Esse usava vestes de reitor, beca acinturada, jabeau e cinta - vestimenta de reitor, que supõe-se ser da cor verde. Tal professor foi considerado tão importante pela EPM, que é dele o nome de um dos principais anfiteatros da universidade.

O arcebispo Dom José Gaspar Fonseca e Silva, localizado ao lado de Leitão da Cunha, usava batina de alguma comemoração católica daquele mês, com flores bordadas, trazendo consigo uma cruz no pescoço. Ele usava também um cinto e solidéu. As pessoas da fotografia estão dispostas de forma que as autoridades religiosas e da educação ocupem o primeiro plano e estejam centralizadas. Em segundo plano, encontram-se as formandas, ao lado dessas autoridades. Atrás, no espaço central, estão dispostos alguns professores da Escola e outras autoridades. Nesse plano vê-se Edith Magalhães Fraenkel, à época diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que se encontra atrás de Dom Gaspar, usando chapéu. É bastante reveladora sua distinção através de seu rosto em formato losangular, sua marca de expressão naso-labial, suas sobrancelhas retilíneas e seu estrabismo divergente.

As pessoas diretamente ligadas à educação se encontram próximas e unidas na parte centro-direita da fotografia, enquanto as religiosas, representadas pelas madres-professoras, algumas

estudantes, o bispo e Dom Gaspar se localizam também próximas e unidas. Essa disposição faz com que se perceba certo distanciamento entre essas duas instâncias - ciência e religião.

Isabel Gorn, diretora da escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo, localiza-se na fotografia ao lado de Edith e foi identificada por suas feições fortes e seu nariz grande e de formato reto. Hilda Kirsh, diretora da Enfermagem do Hospital das Clínicas da FMUSP se encontra logo atrás de Isabel, de casaco branco. Sua identificação deu-se através do reconhecimento de seu formato de rosto, seus lábios finos e queixo projetado para frente apresentando uma fenda, o tamanho de sua testa e os cabelos não muito volumosos, com disposição característica.

Supõe-se que Roseli Taborda, enfermeira professora da Escola de Enfermagem Anna Nery, inspetora dos novos cursos de Enfermagem, apareça atrás de Edith e Hilda. Roseli usava uma roupa bastante vanguardista para a época - gravata e chapéu demasiadamente inclinado para esquerda, parecendo assim, vestir uniforme usado pelas enfermeiras de Saúde Pública formadas pela EEAN à época.

Junto a essas autoridades femininas se encontram também outras mulheres não religiosas que também usavam chapéu como acessório. Era comum, em 1942, que as mulheres não mostrassem seus cabelos soltos em cerimônias públicas, pelo fato de se tratar de uma atitude demasiada de exibição da sensualidade feminina.

As Formandas

Em 17 de setembro de 1942, foi diplomada a primeira turma de enfermeiras da Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, composta por cinco estudantes: Adele Salvatori, Francisca de

Barros (em religião, Madre Aurora Maria), Gabrielle Henciete Caron (em religião, Madre Maria Domicio), Maria Perroni (em religião, Irmã Maria Benigna) e Jacira de Araújo Cintra, segundo a Décima Segunda reunião do Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo⁹.

As formandas se localizam em segundo plano na foto rodeando as autoridades descritas. Ao lado de Dom Gaspar se encontra a formanda Francisca de Barros em religião, Madre Aurora Maria. Foi possível seu reconhecimento devido aos trajes usados: hábito de cor escura e elmo de cor branca, assim como seu véu. Além da cruz pendurada, ela traz consigo um terço amarrado em seu cinto branco. Madre Aurora Maria parece sentir-se bastante à vontade ao lado da autoridade religiosa, demonstrando assim seu poder de madre e, a partir daquele momento, de enfermeira. Essa formanda pertencia à congregação Franciscanas Coração de Maria.

Como não foram encontrados documentos da época que descrevessem em detalhes as enfermeiras formadas na primeira turma da EEHSP, Madre Áurea, enfermeira formada por essa Escola e diretora dela por muitos anos, esclareceu muitas dúvidas.

A irmã formanda que se encontra à direita de Madre Aurora Maria era Madre Maria Domicio, vestia hábito, elmo e véu da cor branca era da mesma ordem das madres professoras - Franciscanas Missionárias de Maria - que se encontram no terceiro plano da fotografia, próximas também a ela. Além disso, ela se posicionou ao lado esquerdo, considerado mais privilegiado devido à presença das madres-professoras.

A irmã ao lado do bispo Monsenhor Alberto era Irmã Benigna, vestia hábito de cor escura, elmo e véu da cor branca e um crucifixo, como as vestes de Madre Aurora Maria pertencia à mesma

ordem religiosa dessa madre - Franciscana Coração de Maria. O crucifixo usado pelas freiras significa seus votos definitivos à Igreja. Ambas seguravam seus diplomas.

A madre não se diferencia e se realça apenas por sua vestimenta, ela é aquela que se destaca mais em aspectos de oratória e educacional. Segundo Grossi, 1990:

Madre é eleita numa reunião de um Colegiado de irmãs que vota secretamente numa delas para o cargo de Madre, por um período de três anos e que pode ser renovado por mais três. Tornam-se Madres aquelas que detêm o poder da palavra, as intelectuais do grupo, e não as que se dedicam aos trabalhos de manutenção da comunidade. O poder da Madre se manifesta sempre que necessário aos interesses da congregação enquanto instituição, esse, é um poder quase que total, no interior dos conventos e das próprias irmãs^{10:57}.

As identificações das duas únicas formandas não religiosas - Adele Salvatori e Jacira de Araújo Cintra - deram-se também através de suas vestimentas e lugares ocupados na fotografia. Ambas se encontram no mesmo plano das outras formandas religiosas, no entanto, nos locais mais lateralizados da fotografia, demonstrando menor prestígio, por não terem essa posição. Adele é a formanda do lado direito extremo da fotografia, usando relógio de pulso em frente à Madre Saint Hermeland, e Jacira é a formanda em primeiro plano à esquerda, ao lado de Irmã Benigna

Seus uniformes compõem-se, na cor branca tradicional, de vestidos de mangas curtas com golas, de comprimento cobrindo os joelhos, com saia rodada. Usavam também touca branca, que se assemelhava bastante aos véus das religiosas, evidenciando o poder que exercia a religião sobre as enfermeiras formadas por essa escola. O traje também trazia avental acinturado.

O único acessório usado por essas enfermeiras é um relógio de pulso de ponteiro. É interessante notar que o uniforme de uma enfermeira não correspondia somente aos seus trajes e insígnias, ele pautava-se também pelo conjunto de cabelos presos, na ausência de maquiagem, escassez de acessório e em sua discrição. Todas as enfermeiras da fotografia apresentavam-se devidamente uniformizadas.

O uniforme é um tipo específico de vestimenta para determinada categoria de indivíduos e identifica-os como pertencentes a um grupo ou a uma instituição. Caracterizando a figura de quem está usando, o uniforme funciona como objeto disciplinador, uma vez que padroniza as atitudes e comportamentos de quem o veste, seja ele uniforme militar, religioso, escolar ou, como no caso do estudo, profissional^{11:27}.

Todas as formandas, religiosas ou não, seguram seus diplomas com bastante deferência, valorizando a conquista de serem formadas pela EEHSP. O diploma é um adereço do *habitus* das formandas e uma das formas de identificação das pessoas fotografadas.

À direita, também em terceiro plano, estão fotografadas as madres professoras da EEHSP, próximas às formadas. Já as estudantes da EEHSP estão ocupando a parte esquerda superior da fotografia. Usando seus uniformes profissionais, religiosos ou não, posicionam-se de forma mais densa que as outras pessoas da foto. Na parte mais externa da fotografia acima e à esquerda localizam-se os familiares da formanda adele Salvatori - pais e irmãs.

O local onde foi feita a fotografia estudada são as escadarias, o vestíbulo e a porta de entrada da Escola Paulista de Medicina. Nota-se que aproximadamente um quarto da fotografia é representado por essa porta, o que permite

deduzir o quão importante era, para os personagens retratados na fotografia, formar-se por essa instituição. Percebe-se, também, que a porta se apresentava fechada, como se representassem a saída dessas formandas, agora habilitada ao mundo externo, devido ao fato de serem profissionais a partir daquele momento.

O cenário da fotografia carece de elementos que identifiquem a identidade nacional e paulista. A única referência de “tropicalidade” são as palmeiras no entorno da escadaria. Além disso, as pessoas da fotografia eram todas da cor branca e usavam roupas européias, o que não faz distinguir uma identidade brasileira, por falta de símbolos que demonstrem a pátria nas três nações que a compuseram - indígenas, europeus e afro-descendentes.

A cerimônia de formatura era um acontecimento bastante valorizado no início da década de 1940. Alguns dos motivos desse importante fato encontram-se no número reduzido de pessoas que cursavam ensino superior, números esses demasiadamente menores, quando as estudantes eram mulheres.

Uma nova turma de enfermeiras nos moldes padrão Anna Nery, formada pela EEHSP significava novas trabalhadoras da saúde com excelente formação técnica e ética, que iriam trabalhar no HSP e formariam novas enfermeiras com a mesma ideologia. Daí, talvez, a importância de celebrar as novas diplomadas. A ata da Décima Segunda reunião do Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo confirma tal importância:

Considerando os serviços insubstituíveis que essas diplomadas poderão prestar ao Hospital São Paulo e à Escola de Enfermeiras, bem como o escasso número delas, ficou resolvido que elas fossem incorporadas, mediante remuneração condigna, ao corpo de monitoras da Escola

de Enfermeiras e ao serviço hospitalar do Hospital São Paulo⁹.

A missa de formatura foi celebrada por Dom José Gaspar de Fonseca e Silva acompanhado pelo Monsenhor Alberto Pequeno. Segundo Histórico da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (1939-1947) parainfaram a cerimônia o Professor Doutor Raul Leitão da Cunha, magnífico reitor da Universidade do Brasil e Professor Dr. Álvaro Guimarães Filho, Diretor da EPM (1). Normalmente, em uma celebração de formatura, se escolhe um paraninfo e um patrono, o primeiro tem função de padrinho da turma, e o segundo, é uma pessoa a se inspirar. A escolha de dois paraninfos, ao invés de somente um paraninfo e um patrono, dá a idéia da consideração que se queria demonstrar às ilustres personalidades públicas que desempenham esse papel. De fato, segundo a ata da décima segunda reunião do Conselho Diretor da EEHS:

Ficou resolvido que a solenidade abrangesse uma exterioridade dos sentimentos de gratidão e reconhecimento da Escola a essas altas personalidades, pelos serviços inapreciáveis que ambas têm apresentado continuamente a Escola⁹.

A presença dessas autoridades representava a legitimação do empreendimento pelo poder atuante da época - a Igreja Católica, as autoridades da Educação e a diretoria da Escola, simbolizando a importância de se formar enfermeira pela EEHSP.

O Passado Desmistificando o Presente

A formatura, assim como outros tipos de rituais de passagem, é um momento muito aguardado e festejado até os dias atuais, pois possui papel revelador e de síntese de um determinado período.

A fotografia da celebração da formatura da primeira turma de enfermagem da EEHSP é rica

em revelações quanto aos locais de importância e hierarquia que as pessoas ocupavam no passado, os rituais e etapas de passagem. Através dela, pode-se inferir quais eram as personalidades e autoridades que fizeram parte da história da EEHSP e, com a ajuda de outras fontes históricas, entender o porquê dessas pessoas terem sido relevantes para a instituição e para os que viveram no contexto apresentado.

Foi possível perceber também os vários elementos ideológicos que permearam a geração de enfermeiras formadas em 1942. Nota-se a forte influência religiosa que a Igreja Católica, em consonância com os interesses da EPM, deixou quanto à disciplinização no comportamento, rigidez, esforços, ética, qualidade técnica e vestimentas a essas enfermeiras formadas pela EEHSP, assim como o lema da EE/UNIFESP que acompanha o símbolo da Escola até os dias atuais - *“Nom vivere nisi ad serviendum”* - Não viver senão para servir.

A influência religiosa na EEHSP foi marcante, dada a sua criação vinculada às madres francesas Missionárias de Maria e a Igreja Católica paulistana, que detinha grande poder sobre a educação nos anos de 1930-40. Tal influência até hoje se faz presente na ideologia da Escola por meio de rituais, emblemas, vestes e símbolos, como se viu na fotografia analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a história permite entender a criação de uma identidade. Ao fazê-lo, se olha de forma diferente para acontecimentos passados e presentes, pois se desconstrói hábitos e tradições que são aceitas e incorporadas por muitas pessoas, sem se perguntarem de onde vêm ou por que existem e, assim, perpetuam tais idéias.

A busca por fontes para a pesquisa histórica, porém, não se constitui em tarefa muito fácil. As dificuldades em obtenção de fontes consistem na sua conservação, na sua disponibilidade e nos acessos restritos às mesmas, entre outras dificuldades que limitam o seu alcance.

É de grande valia a preservação de registros de história que contam o desenvolvimento de uma profissão, de seus atores e, no caso da Enfermagem, a história das Ciências da Saúde e das mulheres, que muitas vezes representaram papéis secundários e de manutenção da ordem privada ao longo da história, ordem essa desvalorizada frente à estimada face pública predominantemente masculina, como relatam Campos; Porto; Oguisso; Freitas, 2008:

A pesquisa em história no Brasil muito recente incorporou a produção historiográfica que trata ações e acontecimentos praticados por mulheres. Contar a história das mulheres ou suas experiências contribui para retirá-las da penumbra (na qual foram duramente colocadas) e favoreceu significativamente para a cisão de uma historiografia estanque e esquemática, narrada a partir de sucessões de fatos e acontecimentos realizados por personagens ilustres (sempre homens)^{12:43}.

Nesse sentido, chama à atenção que a Escola de Enfermagem da UNIFESP ainda não possua acervo organizado e acesso à documentação facilitado, o que talvez explique porque o número de pesquisadores que estudam esse objeto especificamente ainda não seja grande.

O estudo permitiu identificar os valores éticos e a qualidade técnica da nova escola de enfermeiras deixada por seus inspiradores - a Igreja Católica através do Instituto das

Franciscanas Missionárias de Maria os Diretores da EPM. Tal influência deu-se também e está representada através das vestes, ideologia e símbolos da escola.

Foi possível analisar os lugares que as pessoas fotografadas ocupavam no passado, suas ligações e importância. Elementos como uniformes e vestes das pessoas foram minuciosamente analisados.

Percebeu-se que o rito de formatura era um momento bastante valorizado, fato justificado pelo pequeno número de formandas, apenas cinco, e a quantidade de autoridades que compareceram ao evento. A formatura é o momento de síntese de um período, e revelador em diversos aspectos. Essa geração, assim como outras que passaram, apregoam acepções emblemáticas e ideológicas às formandas que se diplomam hoje por essa escola.

A partir do momento que se conhece um pouco mais do próprio passado, consegue-se entender melhor quem se é, a quem se serve, para quem está se realizando algumas ações, o porquê disso, como se o faz, em quais circunstâncias, o que faz sentido e decidir pela continuidade ou rompimento com esses mesmos rumos. Nesse sentido pretendeu contribuir o presente estudo.

AGRADECIMENTOS

À Madre Áurea Vieira da Cruz, ex-diretora da EE/UNIFESP e do HSP, Marta Costa Penas funcionária da Pro - Reitoria de Graduação da UNIFESP, Nádia Vitorino Vieira funcionária e Márcia Regina Barros Silva historiadora, ambas do Centro de História e Filosofia da UNIFESP e Professora Doutora Alba Lúcia Bottura Leite de Barros, chefe da EE/UNIFESP pelos esforços prestados na contribuição do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Histórico da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (1939-1947).
2. Silva, MRB. Estratégias da ciência: a história da Escola Paulista de Medicina (1933-1956). Bragança Paulista (SP): EDUSF; 2003.
3. Silva MRG, GALLIAN DMC. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939 - 1942). Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn, Brasília 2009 mar/abr; 62(2):17-22.
4. Porto, F; Amorim, W (org). História da enfermagem brasileira: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro (RJ): Águia Dourada; 2007.
5. Ferraz, NMF. A formação de recursos humanos na enfermagem face à lei do exercício profissional. In: Jubileu de ouro do curso de graduação de enfermagem da Escola Paulista de Medicina. 1939 - 1989. Anais 50 anos, 1989.
6. Leite, MM. Retratos de Família: leitura da fotografia histórica. São Paulo (SP): Ed. da USP, 1993.
7. Carvalho, AC. Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976: Documentário. Brasília (DF): Folha carioca, 1976.
8. Oguisso, T; Dutra, VO; Campos, PFS. Cruz vermelha brasileira: formação em tempos de paz. Barueri (SP): Manole/Minha Editora, 2009.
9. Escola Paulista de Medicina. Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo. Ata da 12ª reunião do Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo. São Paulo (SP); 1942 ago.
10. Grossi MP. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Caderno Pesquisa, São Paulo, 1990 maio; n. 73: 48-58.
11. Peres MAA, Barreira IA. Significado dos

Cagnacci CV, Sanna MC.

uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2003 abril; v. 7, n. 1: 25-38.

12. Campos PFSC, Porto F, Oguiso T, Freitas GF. Memória da Saúde em São Paulo: Centro histórico Cultural da enfermagem Ibero-Americana. CADERNOS DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA/ Instituto Butantan - IB, São Paulo. 2008 jan/jun; v. 4, n. 1: 39-51.

Recebido em: / /

Aprovado em: 27/01/2010